

O GLOBO

Juros em alta deixam consumo mais distante

RIO - A advogada carioca **Sandra Caldas** pesquisa os melhores juros em bancos e no comércio quando precisa comprar um produto ou serviço parcelado. Sua prioridade mesmo, porém, é conseguir realizar seus sonhos de consumo com pagamento à vista, o que permite negociar melhores descontos e fugir do elevado custo do crédito no Brasil. E, para conseguir isso, ela faz pequenas economias em seu dia a dia: corta o consumo de supérfluos, compra nos supermercados com preços mais populares e não se incomoda em andar de ônibus.

“

“Se ficar com muita dívida, fico doente. Pago o cartão de crédito em dia, os juros cobrados são estratosféricos”

Sandra Caldas

Advogada



— Eu faço a saúde financeira mental e material. Se ficar com muita dívida, fico doente. Claro que, quando posso, gasto um pouco mais. E pago o cartão de crédito rigorosamente em dia, já que os juros cobrados são estratosféricos — explica Sandra, que atualmente estuda para uma pós-graduação.

Segundo especialistas, as práticas de Sandra servem de exemplo, principalmente num momento de ciclo de aumento dos juros básicos da economia, a Selic, o que vai encarecer o custo dos empréstimos e financiamentos e tornar bancos mais seletivos no crédito. Na semana passada, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) elevou a taxa em 0,5 ponto percentual, para 8% ao ano. Os economistas estão revendo suas expectativas para a Selic e começam a prever taxas de até 9% para o fim de dezembro.

juro do cartão a 196%

Cálculos da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), a pedido do GLOBO, mostram que com a Selic em 9%, a taxa média de empréstimos e financiamentos no país vai subir de 88,54% em maio para 91,20% ao ano em dezembro. O custo vai subir proporcionalmente mais no Crédito Direto ao Consumidor (CDC) para aquisição de automóveis — dos atuais

O GLOBO

20,13% para 21,84% anuais — e nos empréstimos pessoais em bancos — de 41,58% para 43,58% ao ano — até dezembro.

O especialista **Flávio Lemos, da Trader Brasil**, lembra que os empréstimos e financiamentos em geral têm taxas prefixadas. Isso significa que o aumento dos juros afeta quem vai pegar financiamentos a partir de agora, e não quem já está endividado. A exceção fica para os juros do cheque especial e o rotativo do cartão de crédito, que têm justamente as taxas mais altas. Os juros do cartão de crédito e do cheque especial devem subir para 196,82% e 146,83% ao ano, segundo os cálculos da Anefac.

— Os consumidores devem controlar melhor suas finanças para evitar esses dois recursos. Se a pessoa puder negociar a troca da dívida pós-fixada por uma com taxa de juros prefixada, deve fazer isso o quanto antes, pois o cenário indica mais alta da Selic daqui para frente — afirma Lemos.

Os números preocupam num momento em que o endividamento das famílias bate níveis recordes. Com taxas em ascensão, fica mais difícil trocar dívidas caras por outras baratas. E as dívidas das famílias brasileiras correspondiam a 43,99% da renda anual em março, acima dos 43,79% de fevereiro, segundo dados do Banco Central.

O coordenador de estudos econômicos da Anefac, Miguel José Ribeiro, diz que no financiamento de automóveis, um dos segmentos com maiores taxas de inadimplência do mercado, quem pretende comprar um carro popular passará a gastar R\$ 1 mil a mais com o aumento da Selic. No caso de um Ford Ka 2013 ou um Gol G4 1.0, por exemplo, que custam cerca de R\$ 25 mil pelo preço de tabela, o consumidor pagava R\$ 641,38 mensais com juros a 1,54% ao mês, ao longo de 60 meses de prestação. Ao fim de cinco anos, o carro custava R\$ 38.482,90. Com os juros previstos para o fim deste ano, o mesmo carro passará a custar R\$ 661,23 por mês, em 60 meses, ou R\$ 39.673,80 depois de cinco anos.

Oliveira lembra, contudo, que as os juros podem variar bastante de banco para banco. Quem pesquisar, portanto, pode encontrar taxas melhores.

— Pesquise muito, barganhe e compre nos menores prazos possíveis. Quanto menor o prazo menor a incidência de juros. Se possível, o melhor é adiar as compras para juntar o dinheiro e comprar à vista — afirma Oliveira.

Dados do BC mostram que a taxa mensal do crédito pessoal não consignado variava de 3,06% no Banco do Brasil a 4,74% no HSBC em meados de maio. Há taxas intermediárias no Santander (3,88%), Caixa (3,07%), Itaú Unibanco (4,26%) e Bradesco (4,80%).

Leia mais sobre esse assunto em <http://oglobo.globo.com/economia/juros-em-alta-deixam-consumo-mais-distante-8572405#ixzz2VAFCNwOm>